



# Deus em Dante Alighieri A "Divina Comédia" como itinerário espiritual: do extravio na selva escura à contemplação da luz divina

---

Servando German Varela Moure <sup>1</sup>

1. Aproximação a Dante desde um contexto pos-moderno.

Pode chamar a atenção que num Simpósio sobre "Ciência e Deus" e no contexto pos-moderno abordemos o estudo de Dante Alighieri e sua obra máxima: a "Divina Comédia".

O contexto pos-moderno se caracteriza, entre outros aspectos, por

- uma crise dos grandes relatos,
- uma desconfiança perante as grandes estruturas
- o fragmentarismo (não só na vida social, mas até na vida pessoal, onde se constata dissociações a diversa índole).

Nada parece mais longínquo destas características do que os traços que, em geral, atribuímos a época de Dante, tais como

- um certo monolitismo religioso e cultural,
- uma presença marcante na sociedade de instituições de firme arraigo, como a Igreja
- e uma cosmovisão teocêntrica que inspira todos os níveis da cultura.

---

<sup>1</sup> Padre, Orientador espiritual, integrante da Instituição Dalmanutá (Serviço de Direção Espiritual). Professor no ICR e no Instituto de Teologia Paulo VI da Universidade Católica de Pelotas.

Se ficarmos nestas caracterizações sumárias, pode resultar difícil perceber como o mundo evocado pela obra de Dante poderia inserir-se em nossa atualidade.

Mas o primeiro que devemos observar é, precisamente, o caráter simplificador destas oposições. Quanto ao presunto monolitismo cultural da época de Dante, devemos levar em conta que, na situação histórica precisa em que Dante e sua obra se situam (segunda metade do século XIII e início do século XIV, nas cidades italianas) o que se percebe são, antes, os primeiros sintomas de decomposição do mundo medieval e os germes precursores do humanismo, primeira manifestação do mundo moderno.

Quanto à presença da Igreja, devemos lembrar que seu poder social está permanentemente desafiado pela influência do Sacro Império que, embora agonizante, insiste nas suas pretensões hegemônicas sobre as cidades italianas. Se bem que as relações entre os dois poderes mostram alternativas muito variadas, nenhum dos dois consegue se impor de maneira definitiva; e o processo histórico avança no sentido da progressiva diminuição da influência social de ambos.

A própria cosmo-visão teo-cêntrica, se bem que continua sendo o princípio inspirador da filosofia e da arte da época – o que se percebe nitidamente na Divina Comédia – começa também a ser desafiada pela irrupção, nalguns círculos cultos, de tendências epicureístas e inclusive de um certo ceticismo religioso.

Por outra parte, a respeito das características da pos-modernidade acima mencionadas, cabe assinalar, também, que sua presença não exclui a emergência de tendências reativas ou compensatórias que podem relativizar o caráter absoluto que se lhes atribui, e aproximar-nos, mais do que imaginaríamos, de algumas características presentes na vida e na obra de Dante.

Por um lado, a crise dos grandes relatos ideológico-políticos e socio-culturais, orienta o homem para a busca de um sentido transcendente que dê fundamento à experiência pessoal e coletiva.

A desconfiança e visão crítica das estruturas socialmente vigentes pode suscitar um resgate da experiência pessoal como fonte de sentido.

Na mesma linha, o fragmentarismo como situação psicológica e existencial, estimula no homem a busca de um novo sentido de totalidade.

Pode ser vista a "Divina Comédia" como expressão e resposta a estes desafios?

Foi isso na época da sua composição?

Pode sê-lo ainda hoje?

A "Comédia" é, por um lado, a mais perfeita síntese da cultura antiga e medieval e, ao mesmo tempo, a primeira grande obra moderna. Dá-se nela uma integração da herança clássica, uma assimilação pessoal da visão crista da existência e uma antecipação e profecia dos tempos novos do humanismo. Trata-se de uma obra de caráter marcadamente pessoal, fundamentada numa experiência vivida; e simultaneamente universal, pelo seu sentido e a sua intencionalidade.

A integração que os múltiplos fatores em tensão na época e na vida de Dante alcançam nela, é fruto de uma árdua busca, de uma peregrinação ideológica, espiritual e existencial, através da qual o poeta vai aproximando-se progressivamente a uma unidade que nada tem de monolítica. Antes, ela deve ser vista como a conquista de uma conjunção de opostos na qual todos os aspectos da sua personalidade e da sua época foram submetidos a uma alquimia poética e espiritual graças à qual alcançaram, finalmente, um ponto de equilíbrio e plenitude.

Para convencer-nos disto, situemos rapidamente a vida do poeta na sua época e consideremos sua participação nas tensões que a caracterizam.

## 2. A "Divina Comédia", síntese da vida de Dante e da sua época

Obviamente, a experiência fundamental da vida de Dante que transparece na sua obra é sua fé. Ela não é só o princípio reitor que organiza todos os aspectos da sua personalidade, senão a experiência salvífica que lhe permitiu integrar e superar múltiplas tensões que ameaçavam o sentido mesmo da sua existência.

A figura de Beatriz, com toda a transfiguração que a fantasia e o amor do poeta projetaram nela, é o segundo fator dinâmico fundamental a ser considerado. Nascida de fugazes encontros relatados na "Vita Nuova", ela será não só uma experiência afetiva determinante na sua vida senão que, transformada em símbolo do "eterno feminino" mobilizará, numa fase de crise existencial, as energias espirituais do poeta para um processo de conversão que está na base da "Divina Comédia"

Um terceiro fator fundamental é a cidadania florentina do poeta; -"florentino pelo nascimento, mas não pelos costumes"-, se auto-proclamava Dante na Carta a Can Grande della Scala e noutras passagens da sua obra. Florença -considerada por Jacobo Burckhardt como o primeiro estado moderno-, é outra realidade marcante na sua vida e obra. Dante, nostálgico da unidade e da

grandeza do Império Romano e ao mesmo tempo cidadão de Florença e zeloso defensor da autonomia desta cidade-estado, viveu em carne própria as tensões que desgarravam às cidades italianas da sua época. A experiência de gestão autônoma protagonizada por elas, e enfrentada ao duplo desafio das pretensões do Império e do poder político do pontificado, estimulou uma intensa participação nos assuntos públicos, mas gerou também rivalidades políticas que atingiram níveis de intolerância extrema. O exílio dos últimos anos da vida de Dante e a condenação a morte se voltasse pela sua cidade, influíram também decisivamente na composição da "Comédia".

Em estreita relação com o anterior, também as tensões entre o Império e o Pontificado marcaram a vida de Dante e se refletem na sua obra. O poeta oscilou quanto a conveniência do domínio de um ou outro poder temporal e chegou a elaborar uma teoria sobre a respectiva distribuição de funções entre os dois, expressa no seu tratado sobre "A Monarquia". Apresenta nele uma proposta bem intencionada mas utópica. Quanto à incidência concreta destas tensões na sua vida, sabemos que o próprio exílio de Dante foi determinado por elas.

A filosofia e teologia aristotélico-tomista foi outro fator que influenciou na formação do poeta. Ela organiza não só seu pensamento filosófico senão inclusive a estrutura física e moral dos reinos do Além como ele os apresenta na Divina Comédia. Algumas hipóteses mencionam a possibilidade de que tenha participado pessoalmente das aulas de Santo Tomás de Aquino na Universidade de Paris; a hipótese, não confirmada, pode servir, de todas formas, como símbolo da íntima assimilação desse pensamento pelo autor.

Em conclusão: a "Divina Comédia" pode ser lida como uma busca de sentido que parte de uma conflitante situação de crise pessoal e social e que, através de um dificultoso percurso, culmina numa meta em que se saciam todas as aspirações do espírito, se integram as forças em tensão numa visão unificadora, e é entregue aos homens da sua época e do porvir como um testemunho espiritual e uma mensagem de salvação.

3. A "Divina Comédia": seu significado literal e simbólico.  
Correlação entre os dois significados.

Num sentido literal, a Divina Comédia é a narração de uma viagem através dos três reinos do Além (Inferno, Purgatório,

Paraíso), concedida ao poeta como graça e apelo para sua conversão e salvação.

No sentido simbólico, descreve um processo espiritual pelo qual o poeta -e todo homem representado nele- ascende da escuridão e o extravio de uma vida cindida do seu próprio centro interior e de Deus, à contemplação do Mistério trinitário revelado e acessível ao homem pela Encarnação de Cristo e a mediação da Virgem Maria.

A correlação entre os dois sentidos permite perceber a simultânea significação pessoal e arquetípica da viagem. O próprio poeta, na Carta a Can Grande della Scala, o expressa deste modo: “O sentido desta obra não é único, senão plural, isto é, têm muitos sentidos; o primeiro significado surge do texto literal, o segundo deriva do significado pelo texto. O primeiro é chamado sentido literal; o segundo, sentido alegórico, moral ou anagógico... Embora estes sentidos místicos recebem diversas denominações, podem ser chamados todos eles, em geral, alegóricos” (Carta, parágrafo 7). E pouco mais adiante, explicitando a intencionalidade soteriológica do Poema, confirma: “O gênero filosófico ao qual pertence a obra em sua totalidade e cada uma das suas partes, é o gênero moral ou ético, pois a obra e suas partes não estão encaminhadas à pura especulação, senão à ação” (Idem, parágrafo 16). No parágrafo 15, complementa: “A finalidade do todo e da parte é a mesma: afastar os mortais, enquanto vivem aqui embaixo, do estado de miséria e conduzi-los ao estado de felicidade”.

### 3. ITINERÁRIO

Apresentados os parâmetros pessoais e culturais em que a Divina Comédia se insere, e o significado geral da obra como um todo, convidamos agora o leitor a percorrer, guiados pelo autor, o itinerário descrito no Poema, selecionando com tal finalidade, aquelas passagens que permitam reconhecer os significados arquetípicos assinalados. Acompanharemos a transcrição destas passagens com uma versão literal portuguesa, cuja única pretensão é a de facilitar ao leitor o acesso direto ao texto original.

## Inferno

Já nos versos iniciais do primeiro canto do Poema se delinea essa coincidência de significado pessoal e universal que a obra propõe:

“Nel mezzo del cammin di <u>nostra</u> vita <u>mi</u> ritrovai per una selva oscura, chè <u>la diritta via</u> era smarrita. Ah quanto a dir qual era è cosa dura esta selva selvaggia e aspra e forte, che nel pensier rinnova la paura! Tant'è amara che poco è più morte.” (Canto I, vs. 1 – 7)	Na metade do caminho de <u>nossa</u> vida voltei a encontrar- <u>me</u> numa selva escura, porque tinha perdido <u>o caminho reto</u> . Ah, como é duro dizer quão selvagem, áspera e forte era esta selva, que no pensamento renova o pavor! Tão amarga é que pouco é mais a morte.
---	--

No final deste mesmo Canto I, Virgílio -o primeiro guia e mediador na viagem-, diz ao poeta:

“A te convien tenere <u>altro viaggio</u> ... se vuó campar deste loco selvaggio...” ... “Ond'io per lo tuo mei penso e discerno <u>che tu mi segui, e io sarò tua guida</u> ...” (vs. 91.93; 112-113)	Te convém realizar <u>outra viagem</u> ... se quiseres fugir deste lugar selvagem... ... Pelo qual penso e discirno que é o melhor para ti que tu me sigas e eu serei teu guia.”
---	--

Virgílio é escolhido, pois, pelo poeta, como seu primeiro guia. Isto tem a ver também com o significado simbólico do Poema, pelo qual analisaremos o por que desta eleição. O próprio Dante esclarece algo a respeito disto, quando diz, neste mesmo Canto I, dirigindo-se ao poeta latino:

“Or se tu quel Virigilio, e quella fonte che spandi di parlar sì largo fiume?... O de li altri poeti onore e lume, vagliami il lungo studio e l grande amo che m'ha fatto cercar lo tuo volume. Tu se lo mio maestro e l mio autore...” (vs. 79 – 85)	Oh, és tu aquele Virgilio e aquela fonte que difundes tão largo rio de eloquência?... Oh, honra e luz dos outros poetas, valha-me o longo estudo e o grande amor que me fez procurar teu livro. Tu és meu maestro e meu autor...
---	---

Nestes versos fica claro que Virgílio simboliza para Dante a Poesia e que sua admiração por ele foi um dos motivos da eleição. Mas os versos seguintes ampliam seu significado, quando Dante lhe suplica, perante o perigo da loba:

“Vedi la bestia per cu'io mi volsi: aiutami da lei, <u>famoso saggio</u> ” (vs. 88 – 89)	Olha a fera pela qual voltei atrás: socorre-me dela, <u>famoso sábio</u> .
--	---

Nesta invocação se percebe que Dante identifica em Virgílio não só um grande poeta, mas alguém dotado de um tipo de sabedoria especial, não só filosófica, senão espiritual. Isto tem a ver com a “fama” do poeta latino na Idade Média, na qual era considerado uma espécie de “profeta” por ter cantado, na sua Égloga IV, a vinda de um misterioso personagem e de uma nova era de paz trazida por ele, que a época interpretou como uma “profecia” ou antecipo da encarnação de Cristo e da era cristã. Apesar de ter sido Virgílio um poeta pagão, essas palavras suas foram interpretadas como fruto de uma espécie de inspiração divina.

Além disto, Virgílio descreve, na “Eneida”, um descenso ao reino dos mortos, e isto deve também ter motivado a Dante na sua eleição do poeta latino como guia da primeira e parte da segunda etapa da sua viagem. Virgílio simbolizará, no percurso do Inferno e na maior parte do Purgatório, a Filosofia, a sabedoria humana, a luz da Razão, capaz de guiar ao homem para sair da situação de pecado e dispor-se à ação da Graça. Por isso, guiará a Dante pelo Inferno e parte do Purgatório, isto é, acompanhará sua evolução desde a tomada de consciência do pecado até a disposição a purificar-se dele. Desempenhada essa função, deverá deixar lugar a um outro guia –Beatriz- capaz de conduzir a Dante a novos níveis para os quais são necessários outros subsídios que a mera sabedoria humana não pode proporcionar.

Retomando o Itinerário iniciado, vejamos como, no início do Canto II, o poeta nos introduz na “atmosfera” poética e simbólica que caracterizará a primeira etapa da viagem:

“Lo giorno se n’andava, e l’aere bruno  
toglieva li animai che sono in terra  
da le fatiche loro; e io, sol uno,  
m’apparecchiava a sostenere la guerra  
sì del cammino e sì de la pietate,  
che ritrarrà la mente che non erra.”

(vs. 1 – 6)

O dia ia-se embora; e o ar escuro  
libertava aos viventes da terra  
das suas fadigas; e eu, somente eu,  
preparava-me a suportar a guerra  
seja do caminho como da compaixão,  
Que evocará a mente que não erra.

No Canto V, na saudação que Francesca -comovida pela compaixão que o poeta demonstra por ela e pelo seu companheiro de infortúnio- dirige a Dante, voltamos a encontrar essa mesma atmosfera que caracteriza todo o Inferno. Se manifesta ali, também, a nostalgia do bem imenso perdido pela condenação:

“O animal grazioso e benigno,  
che visitando vai per l’aere perso  
noi que tignemmo il mondo di sanguigno,  
se fosse amico il re de l’universo,

O ser agraciado e benigno,  
que vais visitando pelo ar escuro  
aos que tingimos o mondo de sangue,  
se o rei do universo fosse nosso amigo,

noi pregheremmo lui de la tua pace,  
poi c'hai pietà del nostro mal perverso.”  
(C. V, vs. 85 – 93)

rogaríamos a ele pela tua paz,  
pois tens piedade de nosso mal perverso.

Pulando por cima dos inúmeros episódios desta primeira parte do Poema, no final da mesma (Canto XXXIV, vs. 133 – 139) narra Dante como saem com Virgílio do penoso transcurso infernal e como se abrem para uma nova etapa, marcando a transição de uma para outra pelo contraste simbólico entre sombra e luz. A luz é evocada pelas “estrelas”, mencionadas no final de cada uma das três “Cânticas” do Poema:

“Lo duca ed io per quel cammino ascoso  
intrammo a ritornar nel chiaro mondo;  
e sanza cura aver d'alcun riposo,  
salimmo su, el primo e io secondo,  
tanto ch'í'vidi de le cose belle  
che porta 'l ciel, per un pertugio tondo  
e quindi uscimmo a riveder le stelle.”

O guia e eu por aquele caminho escondido  
entramos para retornar no mundo claro;  
e sem preocupar-nos de algum descanso  
subimos, ele primeiro e eu segundo,  
até que eu vi as coisas belas  
que o céu tem, por um buraco redondo:  
e daí saímos a ver novamente as estrelas.

Apesar de concluir aqui, estruturalmente, a primeira parte da viagem, a ressonância que o percurso pelo Inferno deixou no poeta, como experiência penosa da qual se sente liberado, transparece ainda nos primeiros versos do Purgatório. Neles volta a aparecer, também, o sentido de viagem, de peregrinação que todo o Poema tem:

“Per correr miglior acqua alza le vele  
omai la navicella del mio ingegno,  
che lascia dietro a sè mar sì crudele;  
e canterò di quel secondo regno,  
dove l'umano spirito si purga  
e di salire al ciel diventa degno.”

Para percorrer águas melhores alça as velas  
agora a navezinha do meu engenho,  
que deixa atrás mar tão cruel;  
e cantarei daquele segundo reino,  
em que o espírito humano se purifica  
e se torna digno de subir no céu.

E poucos versos mais adiante, depois de introduzir na nova “atmosfera” que caracterizará o Purgatório, a lembrança do Inferno retorna, mostrando até que ponto deixou marcas no espírito do poeta:

“Dolce color d'oriental zaffiro,  
che s'accoglieva nel sereno aspetto  
del mezzo, puro infino al primo giro,  
a li occhi miei ricominciò diletto,  
tosto ch'io uscì fuor de l'aura morta,  
che m'avea contristati li occhi e 'l petto”  
(Purgatório, C. I, vs. 13 – 18)

Suave colore de safira oriental,  
que se difundia no sereno aspecto  
do ambiente, até o primeiro círculo,  
voltou a trazer deleite aos meus olhos,  
apenas saí fora da aura morta,  
que havia-me entristecido os olhos e o peito.

## Purgatório

Dos três reinos do Além, O Purgatório é o que apresenta um caráter mais progressivo, já que, por definição, representa uma fase de transição, de purificação, através da qual as almas se tornam dignas de aceder ao Paraíso. Os outros 2 reinos têm o caráter do definitivos, com a diferença de que as almas do Inferno estão congeladas naquela situação de pecado em que morreram, enquanto as almas do Paraíso, se bem que distribuídas em diferentes níveis de aproximação ao centro divino pelo seu grau de santidade, vão crescendo perpetuamente na percepção e no gozo de Deus, sem que exista rivalidade ou inveja entre elas, já que a todas sacia a contemplação de Deus.

Esse caráter de purificação progressiva que o Purgatório simboliza, aparece já na resposta que Virgílio dá a Cato, no Canto I deste segundo reino, quando lhe informa o sentido da peregrinação de Dante:

“Libertà va cercando, ch'è sì cara,  
come sa chi per lei vita rifiuta.”

Vai buscando a liberdade, que é tão preciosa,  
como o sabe quem por ela rejeita a vida.

Esta busca de Dante é também, segundo o sentido simbólico do Poema, a de todo homem; a viagem pelo Purgatório representa esse processo de purificação necessário a todo homem que quer aproximar-se de Deus. Também transparece o significado universal que Dante atribui à sua peregrinação quando, no Canto IX, vs. 106 – 114, por indicação de Virgílio, pede misericórdia ao anjo que vigia a entrada e tem as chaves que unicamente podem abrir as portas ao viajante:

“Per li tre gradi su di buona voglia  
mi trasse il duca mio, dicendo: ‘Chiedi  
umilmente che ’l serrame scioglia’.  
Devoto mi gittai a ’santi piedi:  
Misericordia chiesi che m’aprisse,  
ma pria nel petto tre fiati mi diedi.  
Sette P ne la fronte mi descrisse  
col puntón de la spada, e: ‘Fa che lavi  
quando se’ dentro, queste piaghe’ disse”

Pelos três degraus, com boa vontade  
me fez ascender meu guia, dizendo: ‘Pede  
humildemente que o fecho se libere’.  
Devotadamente me lancei nos santos pés:  
pedi que por misericórdia me abrisse,  
mas antes me deu três golpes no peito.  
Sete P me escreveu na fronte  
com a ponta da sua espada, e ‘Faz que lave  
quando estejas dentro, estas chagas’, disse.

Nesta passagem, nitidamente, Dante assume a condição pecadora universal, e as sete letras “P” inscritas na sua frente -que obviamente representam os pecados capitais-, serão lavadas nele a medida que percorra os degraus sucessivos do Purgatório; o sentido universal do poema transparece mais uma vez.

No Canto X, será Virgílio quem, numa indignada invocação, censurará a cegueira dos cristãos que se resistem a evoluir espiritualmente desde sua condição mortal e pecadora a fim de atingir a nova condição que a Graça pode suscitar neles. O processo de conversão é representado por uma belíssima metáfora na qual essa evolução é assimilada à metamorfose que acontece no verme que se transforma em borboleta, símbolo arquetípico da alma:

“O superbi cristian, miseri lassi,  
che, de la vista de la mente infermi,  
fidanza avete ne ’retrossi passi;  
non v’ accorgete voi che noi siam vermi  
nati a formar l’angelica farfalla,  
che vola a la giustizia sanza schermi;  
Di che l’animo vostro in alto galla,  
Poi siete quasi entomata in difetto,  
Sì como vermo in cui formazion falla?”  
(vs. 121 – 129)

O cristãos soberbos, míseros infelizes,  
que, enfermos da vista mental,  
confiais nos passos regressivos;  
não vos dais conta que nós somos vermes  
nascidos para formar a angelical borboleta  
que voa para a justiça sem obstáculos;  
do que cacareja em alta voz vosso ânimo,  
já que sois como insetos defeituosos,  
como verme cuja formação ficou trunca?

Perante uma pergunta de Dante, o sentido progressivo de purificação que o percurso pelo Purgatório simboliza, é ratificado por Virgílio no Canto XII, manifestando-se através do simbolismo da verticalidade ascensional presente em todo o Poema:

Ahí, quanto son diverse quelle foci  
da l’inferral! chè quivi per canti  
s’entra, e là per lamenti feroci.  
Già montavam su per li scaglion santi,  
ed esser mi pareva troppo piu leve  
che per lo pian nao mi pareva davanti.  
Ond’io: ‘Maestro, dí, qual cosa greve  
levata s’è da me, che nulla quasi  
per me fatica, andando si riceve?’  
Rispuose: ‘Quando i P, che son rimasi  
Ancor nel volto tuo presso che stinti,  
Saranno come l’un del tutto rasi,  
  
fier li tuou piè dal buon voler sì vinti,  
  
che non pur non fatica sentiranno,  
ma fia diletto loro esser su spinti’”  
(vs. 112 – 126)

Ai, que diferentes sao estos fosos  
dos infernais! que aqui por cantos  
se entra, e lá por lamentos ferozes.  
Subíamos já pelos degraus santos,  
e parecia-me ser muito mais leve  
Do que me parecia antes pela planície.  
Pelo que: ‘Maestro, diz, que peso  
foi levantado de mim, que quase nenhuma  
fadiga, andando, se recebe em mim?’  
Respondeu: ‘Quando as P, que ficaram  
ainda no teu rosto quase extintas  
estejam, como a primeira, totalmente  
apagadas,  
ficarão teus pés tão vencidos pela boa  
vontade,  
que não somente não sentirão fadiga,  
mas será seu deleite ser impulsionados  
para cima’”.

Mas são os últimos Cantos do Purgatório (Cantos XXX a XXXIII) os que explicitarão que a viagem descrita por Dante não é um simples recurso poético ou uma fantasia gratuita, senão o reconhecimento de um doloroso processo espiritual que foi necessário para reconciliar-se consigo mesmo e com Deus e dispor-

se a ascender para a terceira e definitiva etapa da viagem, em busca da meta definitiva: a união com Deus.

Nestes Cantos acontecerá a substituição do guia da peregrinação: Virgílio será sub-rogado por Beatriz. Junto à alegria do reencontro com a amada da sua juventude, Dante deverá reconhecer, envergonhado, sua infidelidade ao estado de graça simbolizado por ela, sua caída em pecado. Deverá fazer, inclusive, uma confissão em alta voz das suas culpas, confissão tanto mais dolorosa quanto que a enumeração das suas faltas é colocada nos lábios da amada, que censura acremente ao poeta pelos seus desvios. E Dante -considerado tantas vezes pelos seus biógrafos como um homem altivo, orgulhoso, até soberbo- se submeterá sem reclamações nem justificações a este reconhecimento público dos seus erros, que -ele o sabe-, ficará gravado para sempre numa obra de cuja perduração pelas gerações está absolutamente convencido:

“Sovra candido vel cinta d’uliva  
donna m’aparve, sotto verde manto  
vestita di color di fiamma viva.  
E lo spirito mio, che già cotanto  
tempo era stato ch’ a la sua prese  
non era di stupor, tremando, affrant  
sanza de li occhi aver più cognosce  
per occulta virtù que da lei mosse,  
d’antico amor sentì la gran potenza.  
Tosto che ne la vista mi percosse  
l’alta virtù, che già m’avea traffito  
prima ch’io fuor di puerizia fosse,  
volsimi a la sinistra col rispitto  
col quale il fantolin corre a la mamm  
quando ha paura o quando elli é afflitto,  
per dicere a Virgilio: ‘Men che dramma  
de sangue m’è rimasso che nao tremi:  
conosco i segni de l’antica fiamma’  
Ma Virgilio n’avea lasciati scemi  
di sè, Virgilio dolcissimo patre,  
Virgilio a cui per mia salute die mi;  
nè quantunque perdeu l’antica matre,  
valse a le guance nette di rugiada,  
che, lacrimando, non tornasser atre  
‘Dante, perchè Virgilio se ne vada,  
non pianger anco, non pianger ancor  
che pianger ti conven per altra spada’  
(Canto XXX, 31 – 57)

...

“Sobre cândido véu cingida de oliva  
apareceu-me uma senhora, sob verde manto  
vestida da cor de chama viva.  
E meu espírito, que já tanto tempo  
tinha passado sem que na sua presença  
fosse, tremendo pelo estupor, abatido,  
sem Ter mais conhecimento visual,  
por oculto poder que dela se moveu,  
sentiu o grande poder do antigo amor.  
Apenas na vista me percorreu  
a elevada potência, que já me tinha atravessado  
antes que eu sáísse da infância,  
voltei-me para a esquerda com o respeito  
com que o menininho corre para sua mãe,  
quando tem medo ou quando está aflito,  
para dizer a Virgílio: ‘Nem uma dracma  
de sangue tem-me ficado que não trema:  
Reconheço os sinais da antiga chama’.  
Mas Virgílio nos tinha deixado privados  
de si, Virgílio dulcíssimo pai,  
Virgílio que pela minha salvação me foi dado;  
nem quanto perdeu a antiga mãe,  
foi suficiente para que as faces limpas de orvalho  
lagrimando, não se tornassem escuras.  
‘Dante, porque Virgílio se vá,  
não chores, não chores ainda,  
que por outra espada te convém chorar’

‘Guardaci ben! Ben son, ben son Beatrice,  
como degnasti, d’accedere al monte?  
Non sapei tu che qui è l’uom felice?’  
Li occhi mi cadder giù nel chiaro fonte;  
ma veggendomi in esso, i trassi a l’erba,  
tanta vergognha mi gravò la fronte.  
Così la madre al figlio par superba,  
com’ella parve me; perchè d’amaro  
sente l’apor de la pietate acerba.”  
(ídem, 73 – 81)

‘Mira-me bem! Sou eu, sou eu, Beatriz,  
como te dignaste aceder ao monte?  
Não sabias que aqui o homem é feliz?’  
Caíram meus olhos para a clara fonte;  
mas vendo-me nela, trouxe-os para a erva,  
tamanha vergonha me pesou na fronte.  
Assim parece soberba a mãe ao filho,  
como ela me pareceu; porque sente o amargo  
sabor da piedade acerba.

E poucos versos mais adiante, Beatriz continua sua dura requisitória contra Dante, censurando não só os erros cometidos por ele e sua infidelidade à memória da amada e ao que ela simbolizava, senão também como desperdiçou graças e talentos recebidos:

“...Questi fu tal nela sua vita nova,  
virtualmente, ch’ogni abito destro  
fatto averebbe in lui mirabil prova.  
Ma tanto più maligno e piú silvestro  
si fa l’ terren col mal seme e non colto

quant’elli ha più di buon vigor terrestre.  
Alcun tempo il sostenni col mio volto:  
mostrando li occhi giovinetti a lui,  
meco il menava in dritta parte vólto.

Sì tosto como in su la soglia fui  
di mia secunda etate e mutai vita,  
questi si tolse a me, e diessi altrui.  
Quando di carne a spirto era salita,  
e bellezza e virtù cresciuta m’era,

fu ’io a lui men cara e men gradita:  
e volsi i passi suoi per via non vera,

imagini di ben seguendo false,  
che nulla promission rendono intera.

Nè l’impetrare ispirazion mi valse,  
con le quali ed in sogno e altrimenti

lo rivocai; sì poco a lui ne calse!

Tanto giù cadde, che tutt’argomenti  
a la salute sua era già corti,  
fuor che mostrarli le perduti genti”.

(ídem, vs. 115 – 138)

Este foi tal, na sua vida juvenil,  
virtualmente, que todo hábito reto  
teria dado nele admirável efeito.  
Mas tanto mais maligno e mais silvestre  
torna-se o terreno inculto e com semente  
ruim

Quanto mais bom vigor terrestre tem.  
Algum tempo o sustentei com meu rosto:  
mostrando meus olhos juvenis para ele,  
O levava comigo voltado para o caminho  
reto.

Apenas cheguei no umbral  
de minha segunda idade e mudai de vida  
este se afastou de mim, e se deu a outras.  
Quando de carne a espírito tinha subido,  
e a beleza e a virtude tinham crescido em  
mim,

fui para ele menos querida e menos grata:  
e voltou seus passos por via não  
verdadeira,

seguindo falas imagens do bem,  
Que nenhuma promessa cumprem  
totalmente.

Nem impetrar inspirações para ele valeu-  
me,  
com as quais em sonhos e de outras  
formas  
voltei a chamá-lo; tão pouco lhe  
importaram!

Caiu tão baixo, que todos os argumentos  
eram já insuficientes para a sua salvação,  
exceto mostrar-lhe as gentes condenadas’.

Depois desta proclamação das suas culpas e da confissão delas; depois desta humilhação voluntariamente assumida, Dante surgirá purificado e “disposto a subir às estrelas”, isto é, preparado

para iniciar a terceira etapa da viagem, ascendendo ao Paraíso, como proclama nos últimos versos desta “Cântica” segunda.

Através destes versos e também pela função de guia que desempenhará durante a 3ª Cântica -o Paraíso- a figura de Beatriz assume um significado simbólico muito rico no Poema. Além de patentear a força do amor que motivou a própria obra de Dante, ela aparece também como símbolo da Teologia e da Graça. Da Teologia porque, esgotada a missão que podia desempenhar Virgílio -a Filosofia, a sabedoria humana- só a Teologia pode guiar ao homem no conhecimento dos mistérios do Paraíso. Além disto, é notório em muitas passagens da Cântica Terceira essa característica da personagem, já que Dante coloca em boca dela a resposta a muitas dúvidas e interrogações que vão surgindo nele a medida que ascende pelas esferas luminosas do Paraíso. Beatriz assume inclusive, por momentos, um tom doutoral.

Mas além de esclarecer muitas incógnitas do terceiro reino, Beatriz simboliza a ação da Graça que atrai o homem para a sua salvação. Já no 2º canto do Inferno -e muito mais notoriamente nos Cantos do Paraíso-, ela aparece como uma mensageira, uma enviada de Deus com a missão de guiar a Dante na etapa mais espiritual da sua peregrinação. Para ela se dirigem também agora nossos passos.

## Paraíso

Nos primeiros 15 versos do Canto II desta terceira Cântica, retoma Dante as imagens da viagem e se dirige ao leitor que vai seguindo seu itinerário. Suas palavras, que soam inicialmente como advertência, são, ao mesmo tempo, uma tomada de consciência do caráter inédito do assunto que vai ser poetizado e da ousadia de tal empresa. O poeta se expressa nestes termos:

“O voi che siete in piccioletta barca, desiderosi d’ascoltar, seguìti dietro al mio legno che cantando varca, tornate a riveder li vostri liti: non vi mette in pelago, ch’è forse, perdendo me rimarreste smarriti, L’acqua ch’io prendo già mai non si corse:” (vs. 1 – 7)	Oh vós que estais em barca pequenina, desejosos de escutar, segui por trás da minha nave que cantando cruza, tornai a ver novamente vossas praias não entreis no pélago, que talvez perdendo-me ficareis extraviados. A água que cruzo nunca foi atravessada:
---	---

No verso 22 deste mesmo canto, confirma a condição de guia e mediadora de Beatriz dizendo:

“Beatrice in suso, ed io im lei guardava”. Beatriz olhava para cima e eu para ela.

No Canto III, em diálogo com uma das bem-aventuradas – Piccarda Donati- Dante esclarece para si próprio e para o leitor como o caráter progressivo do Paraíso -em cujas esferas luminosas as almas se situam numa proximidade a Deus correlativa à virtude praticada e à Graça recebida- não gera desconformidade em nenhuma delas, senão plena beatitude no “lugar” em que cada uma delas se encontra:“

“...Ma dimmi: voi che siete qui felici, desiderate voi piu alto loco per più vedere o per più farvi amici? Con quelle altr’ombre pria sorrise um poco; da indi mi rispuose tanto lieta, ch’arder pareva d’amor nel primo foco: <u>Frate, la nostra volontà quieta</u> <u>virtù di carità, che fa volerne</u> <u>sol quel ch’avemo, e d’altro non ci asseta.</u> <u>coisa.</u> <u>Se disiassimo esser più superne,</u> <u>fòran discordi li nostri disiri</u> <u>dal voler di colui che qui ne cerne.”</u>	... Mas dize-me: vós que sois felizes aqui, desejais lugar mais elevado para ver mais e tornar-vos mais amigos? Com aquelas outras sombras sorriu primeiro um pouco; depois respondeu tão alegre, que parecia arder no fogo do primeiro amor: <u>Irmão, nossa vontade aquieta</u> <u>a virtude da caridade, que nos faz querer</u> <u>só o que temos, e não nos dá sede de outra</u> <u>coisa.</u> <u>Se desejássemos estar mais elevados,</u> <u>discordariam nossos desejos</u> <u>da vontade daquele que aqui nos situa.</u>
---	---

“... <u>E la sua volontate è nostra pace:</u> ell’è quel mare al qual tutto si move ciò ch’ella cria e che natura face.”	... <u>E sua vontade é nossa paz:</u> ela é aquele mar ao qual tudo se dirige o que ela cria e o que a natureza faz.”
--	---

No Canto XI, -já percorridas algumas das primeiras esferas do Paraíso- Dante se para a refletir fazendo um duro julgamento das fadigas por trás das quais os homens se afanam no mundo, enquanto ele, ascendendo com Beatriz, experimenta a inefável alegria de ser acolhido no Paraíso. Ao mesmo tempo que manifesta assim, mais uma vez, ese duro juízo sobre o mundo da sua época que tantas vezes aparece na Divina Comédia, o peregrino começa a mostrar o desapego de tantas ansiedades nas quais ele também esteve preso, evidenciando como a ascensão pelo terceiro reino é também uma purificação pessoal e um convite a conversão para a humanidade toda:

“O insensata cura de’mortali, quanto son difettivi sillogismi che ti fanno in basso batter l’ali! Chi dietro a iura, e chi ad aforismi sen giva, e chi seguendo sacerdozio, e chi regnar per forza e per sofismi, e chi rubare, e chi civil negozio, chi nel diletto de la carne involto s’affaticava, e chi si dava a l’ozio, quando, da tute queste cose sciolto, con Beatrice m’era suso in cielo cotando gloriosamente accolto.”	Oh insensatas preocupações dos mortais, quão defeituosos são os silogismos que vos fazem mover as asas lá em baixo! Quem trás do direito, quem nos aforismos ia-se, quem seguindo sacerdócio, e quem a reinar por violência e por sofismas, quem em roubar, e quem em negócios civis, quem envolvido no deleite da carne se afadigava, e quem se entregava ao ócio, quando, de todas estas coisas livre, com Beatriz eu estava lá cima no céu gloriosamente acolhido.
---	--

A respeito desta exaltação da figura de Beatriz, que tem suscitado inclusive objeções dalguns intérpretes -no sentido de que Dante lhe atribuiria um poder de mediação que escureceria as mediações essenciais- vale a pena levar em conta duas passagens dos cantos XV e XVIII do Paraíso. No primeiro deles, Dante confessa que esteve prestes a identificar a culminação da sua busca no sorriso da sua amada; mas no canto XVIII, sem deixar de louvar à sua “donna”, se faz corrigir por ela mesma desse possível excesso:

“...poscia rivolsi a la mia donna il viso,  
e quinci e quindi stupefatto fui;  
chè dentro a li occhi suoi ardea um riso  
tal, ch’io pensai co’ miei toccar lo fondo  
de la mia grazia e del mio paradiso.”  
(C. XV, 32 – 36)

depois voltei o rosto para minha dama,  
e por uma e por outra fiquei estupefato;  
porque dentro dos seus olhos ardia um  
sorriso  
tal, que eu pensei com os meus chegar no  
fundo  
Da minha graça e do meu paraíso.

“Vincendo me col lume d’um sorriso,  
ela mi disse: Volgiti ed ascolta;  
chè non pur ne’ miei occhi è paradiso”.  
(C. XVIII, vs. 19 – 21)

Vencendo-me com a luz de um sorriso,  
ela me disse: Volta-te e escuta;  
que não só em meus olhos é paraíso.

Outra passagem na qual Dante toma consciência da evolução que está vivendo, e de como vai-se suscitando nele um desprendimento progressivo das realidades que antes lhe retinham preso, é perceptível no Canto XXII, vs. 124 – 138. É um exemplo de tantas outras passagens em que o peregrino, fazendo um alto na sua ascensão, e voltando os olhos para trás, toma consciência do movimento ascensional em que está envolvido:

“Tu se’ sì presso a l’ultima salute’  
cominciò Beatrice, ‘che tu dèi  
aver le luci tue chiare ed agute.  
E però, prima che tu più t’ inlei,  
rimira in giù, e vedi quanto mondo  
  
sotto li piedi già esser ti fei;  
sì che ’l tuo cor, quantunque può, giocondo  
  
s’ appresenti a la turba triunfante  
che lieta vien per questo etera tondo’.  
Col viso ritornai per tutte quante  
le sete spere, e vidi questo globo  
tal, ch’io sorrisi del suo vil sembiante;  
e quel consiglio per migliore approbo  
che l’ha per meno; e chi ad altro pensa  
chiamar si puote veramente probò.”

Estás tão próximo da definitiva salvação  
começou Beatriz, que deves  
ter os olhos claros e agudos.  
E por isso, antes que entres mais nela,  
volta a olhar para baixo e vê quanto  
mondo  
já te fiz pôr embaixo dos pés;  
de modo que teu coração, gozoso quanto  
possa,  
se apresente à multidão triunfante  
Que alegre vem por essa etérea esfera.  
Com o rosto recorri  
as sete esferas e vi este globo  
tal, que sorri do seu vil aspecto;  
e aquela opinião aprovo por melhor  
que por menos o tem; e a quem no outro  
pensa  
pode-se chamar verdadeiramente probó.

No Canto XXIII, Beatriz estimula mais uma vez a Dante a transcender sua figura e olhar para uma outra, que começa a ser aludida no Poema, e será a definitiva intercessora da sua ascensão para Deus:

“Perhè la faccia mia sì t’innamora,  
che tu non ti rivolgi al bel giardino  
che sotto i raggi di Cristo s’infiora?  
Quivi è la rosa in che ’l verbo divino  
carne si fece: quivi son li gigli  
al cui odor si prese il buon cammino’.  
Così Beatrice; ed io, ch’a’suoi consigli

tutto era pronto, ancora mi rendei  
a la battaglia de’ delbili cigli.”  
(vs. 70 – 78)

“Il nome del bel fior ch’io sempre invoco  
a mane e sera, tutto mi ristrinse

l’animo ad avvisar lo maggior foco;  
(vs.88-90)

‘Por que meu rosto te enamora tanto,  
que não te voltas para o belo jardim  
Que sob os raios de Cristo floresce?  
Aqui está a rosa na qual o verbo divino  
se fez carne; aqui estão os lírios  
a cujo perfume se tomou o bom caminho’  
Assim Beatriz; e eu, que aos seus  
conselhos  
estava totalmente disposto, ainda me rendi  
À batalha dos débeis olhos.

O nome da bela flor que sempre invoco  
na manhã e na tarde, concentrou  
totalmente  
meu animo para contemplar o fogo maior;

Não obstante, o desprendimento de Dante a respeito das coisas terrenas, não é tão absoluto que o poeta ainda não sonhe com o retorno a Florença. Nos comoventes versos com que se inicia o Canto XXV, manifesta a esperança de que o próprio Poema que está compondo -que ele mesmo qualifica de “poema sagrado”- lhe abra novamente as portas da sua cidade, dominada agora pelos seus inimigos políticos. O sonho de poder voltar como poeta à fonte batismal da sua fé e ser reconhecido pela grandeza da sua criação, lhe permite transcender o que ainda há de amargura no seu exílio. Assim, consegue reconciliar em si mesmo arte e fé; reconciliação que lhe permite ultrapassar todas as amargas peripécias da sua vida e perseverar na criação de uma das maiores obras de arte da humanidade:

“Se mai continga che ’l poema sacro,  
al quale ha posto mano e cielo e terra,  
sì che m’ha fatto per più anni macro,  
vinca la crudeltà que fuor mi serra  
del bello ovile ov’io dormi’ agnello,  
nimico a ’lupi che li danno guerra:  
con altra voce omai, con altro vello  
ritornerò poeta, ed in sul fonte  
del mio battesimo prenderò ’l cappello.”  
(vs. 1 – 9)

Se alguma vez acontecer que o poema sagrado  
no qual puseram mão o céu e a terra,  
tanto que me tornaram por muitos anos magro,  
vença a crueldade que me mantém fora  
do belo redil onde dormi cordeiro,  
inimigo dos lobos que lhe produzem guerra:  
com outra voz então, com outros cabelos  
retornarei poeta, e sobre a fonte  
do meu batismo tomarei o capelo

Passando agora já para os cantos finais do Paraíso, no Canto XXX, vs. 124 a 132, Dante contempla pela primeira vez a rosa dos

bem-aventurados e das palavras de Beatriz se deduz também que a viagem vai se aproximando à sua meta. Novamente, a beleza do espetáculo que contempla é sugerida não só pelas imagens no estrato semântico, senão também pela sonoridade no estrato fônico dos versos, através das rimas e aliterações:

“Nel giallo de la rosa sempiterna,  
che si dilata ed ingrada e redole  
odor di lode al sol che sempre verna,

qual è colui che tace e dicer vole,  
mi trasse Beatrice, e disse: Mira  
quanto è l convento de le bianche stole!

Vedi nostra città quant'ella gira!  
vedi li nostri scanni sì ripieni,  
che poca gente più ci si disira.”

Ao amarelo da rosa sempiterna.  
que se dilata e eleva e difunde  
perfume de louvores ao sol sempre  
primaveral,

como aquele que cala e quer falar,  
me conduziu Beatriz, e disse: Olha  
Quão grande é o convento das brancas  
estolas!

Olha quanto abarca nossa cidade!  
olha quão cheios estão nossos escanhos,  
Que pouca gente mais aqui se deseja.

No Canto XXXI, acontece a substituição de Beatriz por São Bernardo como guia para a última fase da viagem. Além do já manifestado a respeito de Beatriz, a escolha de São Bernardo, -que por sua vez servirá de intermediário para a última e definitiva mediadora: Maria- tem a ver com o caráter contemplativo e mariano deste santo. Assim aparece sua figura no Poema ( vs. 52 – 64):

“La forma general di Paradiso  
già tutta mio sguardo avea compresa,

in nulla parte ancor fermato fiso;  
e volgeami com voglia riaccesa  
per domandar la mia donna di cose  
di che la mente mia era sospesa.  
Uno intendea, e altro mi rispose:

credea veder Beatrice, e vidi um sene  
vestito con le genti gloriose.  
Diffuso era per li occhi e per le gene  
di benigna letizia, in atto pio  
quale a tenero padre si convene.”

A forma geral do Paraíso  
já meu olhar tinha abarcado  
completamente,

não fixado ainda em parte alguma  
e voltei-me com desejo renovado  
para perguntar a minha senhora coisas  
Nas quais minha mente estava suspensa.  
Uma coisa pretendia e outra me  
respondeu:

esperava ver a Beatriz, e vi um ancião  
vestido como as gentes gloriosas.  
Difundia-se pelos seus olhos e suas faces  
uma benigna alegria, em piedosa atitude  
como corresponde a um terno pai.

A presença de São Bernardo neste momento, poderia representar um símbolo do que o psicólogo suíço C. G. Jung caracteriza como o Self, o Sí-Mesmo, o nível central da personalidade no qual se conjugam consciência e inconsciente; e que, segundo o mesmo autor, não pode ser descrito de forma melhor do que dizendo que é “uma imagem de Deus na alma”.

No Poema, Bernardo sobe o último degrau que humanamente pode ser alcançado para elevar-se e elevar a Dante até a figura de Maria, vista agora não somente como símbolo de

algun nível inconsciente da afetividade masculina, senão como a presença mesma da Mãe de Deus, “alma sócia do Redentor”, “mediadora universal de todas as Graças” a quem Bernardo, estimulado por Beatriz, pedirá para Dante a graça suprema que pode ser concedida ao peregrino: contemplar a Luz de Deus.

No Canto XXXI, São Bernardo convida a Dante a elevar seu olhar para os coros angélicos que louvam e festejam a Maria; e no início do Canto XXXII lhe mostra a Eva aos pés de Maria. Claramente aparece aqui aquele simbolismo de elevação progressiva percebido por C. C. Jung na sua caracterização da afetividade masculina, quando situa a Eva no nível inferior da mesma e coloca a figura de Maria como símbolo da elevação e espiritualização do Eros. Ficariam assim representados no Poema, através de diferentes figuras femininas, os três primeiros níveis de Anima que o psicólogo suíço reconheceu na psicologia masculina:

“O número quatro está sempre ligado à *anima* porque, segundo Jung, existem quatro estágios no seu desenvolvimento. O primeiro está bem simbolizado na figura de Eva, que representa o relacionamento puramente instintivo e biológico; o segundo pode ser representado pela Helena de Fausto: ela personifica um nível romântico e estético que, no entanto, é também caracterizado por elementos sexuais. O terceiro estágio poderia ser exemplificado pela Virgem Maria -uma figura que eleva o amor (*eros*) à grandeza da devoção espiritual-. O quarto estágio é simbolizado pela Sapiência, a sabedoria que transcende até mesmo a pureza e a santidade, como a Sulamita dos Cânticos de Salomão. (No desenvolvimento psíquico do homem moderno este estágio raramente é alcançado. Talvez seja a figura de Mona Lisa a que mais se aproxima deste tipo de *anima*.)”

No início do penúltimo Canto do Poema, Dante mostra como assume São Bernardo sua função mediadora:

“Affetto al suo piacer, quel contemplante

libero officio di dottore assunse,  
e cominciò queste parole sante:  
‘La piaga che Maria richiuse e unse,  
quella ch’è tanto bella da’ suoi piedi  
è colei che l’aperse e che la punse.”  
(vs. 1 – 6)

Entregado ao seu prazer, aquele  
contemplativo

assumiu livremente o ofício de maestro,  
e começou estas palavras santas:  
A chaga que Maria fechou e ungiu,  
aquela tão bela que está aos seus pés  
Foi quem a abriu e a pungiu.

Nos versos 85 a 87 do mesmo canto, convida a Dante a olhar diretamente para o rosto de Maria, única que lhe pode conduzir à contemplação definitiva:

“Riguarda omai ne la faccia ch’á Cristo  
più si somiglia, chè la sua chiarezza  
sola ti può disporre a veder Cristo.”

Contempla agora o rosto que a Cristo  
se assemelha mais, que sua claridade  
pode unicamente dispor-te a ver a Cristo.

E no final do canto, -que precede ao último, meta de toda a viagem-, Bernardo convida ao poeta a acompanhar a oração de intercessão que ele dirigirá a Maria para que lhe seja concedida a Dante a graça de contemplar “o fulgor do primeiro amor”:

“Ma perchè ’l tempo fugge che t’assonna,  
qui farem punto, come buon sartore  
che com’elli ha del panno fa la gonna;  
e drizzeremo li occhi al primo amore,  
sì che, guardando verso lui, penetri  
quant’ é possibil per lo suo fulgore.

Mas porque foge o tempo que te adormece,  
faremos ponto aqui, como bom alfaiate  
que segundo a tela que tem faz a veste;  
e dirigiremos os olhos ao primeiro amor,  
de tal forma que olhando para ele penetres  
Quanto é possível pelo seu fulgor.

Orando grazia conven che s’impetri,  
Grazia da quella que puote aiutarti;  
e tu mi seguirai con l’affezone,  
sì che dal dicer mio lo cor non parti.

Convém que orando se suplique graça,  
Graça daquela que pode ajudar-te;  
e tu me seguirás com o afeto,  
de modo que não afastes o coração do meu  
dizer.

E cominciò questa santa orazione.”  
(vs. 139 – 151)

E começou esta santa oração.

A “santa oração” anunciada no último verso do canto XXXII constitui o primeiro momento do Canto XXXIII, último do Poema. É-nos pois, chegados na meta da viagem.

O Canto XXXIII do Paraíso -talvez a culminação da poesia dantesca e uma das cimas da poesia universal-, está estruturado da maneira seguinte:

Versos 1 – 39: Oração de São Bernardo a Maria;

“ 40 – 75: Primeira visão de Deus, reconhecimento da impotência da palavra para exprimi-la e súplica do fortalecimento dela;

“ 76 – 108: Segunda visão de Dante e reconhecimento da insuficiência da palavra para exprimir o que está vendo;

“ 109 – 126: Terceira visão: a Unidade e a Trindade de Deus; novo reconhecimento da insuficiência da poesia para expressá-la, e admiração;

“ 127 – 141: Quarta visão: contemplação da efígie humana no círculo de luz, interrogação pelo mistério e satisfação do desejo;

“ 142 – 146: Reconhecimento da derrota da Poesia e harmonização dos desejos e a vontade de Dante com o Amor divino: meta atingida.

A oração inicial de São Bernardo merece ser transcrita quase integralmente. Poucas vezes a poesia, já de por si excelente, tem sido veículo de uma piedade mariana tão fervorosa e ao mesmo tempo de uma tal densidade teológica:

“Vergine madre, figlia del tuo figlio,  
umile e alta più che creatura,  
termine fisso d’eterno consiglio,  
tu se’ colei che l’umana natura  
nobilitasti sì, che l’ suo fattore  
non disdegnò di farsi sua fattura.  
Nel ventre tuo si raccese l’amore,  
per lo cui caldo ne l’eterna pace  
così è germinato questo fiore.

...  
Donna, se’ tanto grande e tanto vali,  
che qual vuol grazia e a te non ricorre,  
sua disianza vuol volar sanz’ali.

...  
In te misericordia, in te pietate,  
in te magnificenza, in te s’aduna  
quantunque in creatura è di bontate.  
Or questi, che da l’ ínfima lacuna  
de l’universo infin qui ha vedute  
le vite spirituali ad una ad una,  
supplica a te, per grazia, di virtute  
tanto, che possa con li occhi levarsi  
più alto verso l’ultima salute.

(vs. 1 – 39)

Virgem mãe, filha do teu filho,  
humilde e alta mais que toda criatura,  
término fixo de eterno desígnio,  
tu és aquela que a humana natureza  
nobilitaste tanto, que seu criador  
não desdenhou tornar-se criatura sua.  
No teu ventre se acendeu o amor,  
por cujo calor na eterna paz  
tem germinado assim esta flor.

...  
Senhora, és tão grande e vales tanto,  
que quem quer graça e não recorre a ti,  
seu desejo quer voar sem asas.

...  
Em ti misericórdia, em ti piedade,  
em ti magnificência, em ti se reúne  
quanto nas criaturas existe de bondade.  
Agora este, que desde a lagoa inferior  
do universo tem visto até aqui  
as vidas espirituais uma por uma,  
te suplica, por graça, virtude  
tanta que possa com os olhos elevar-se  
mais alto para a definitiva salvação.

Das quatro visões de Deus que centralizam o canto, destacaremos apenas os versos mais significativos. Diz a primeira:

“...che la mia vista, venendo sincera,  
e più e più entrava per lo raggio  
de l’alta luce che da sè è vera.  
Da quinci innanzi il mio veder fu maggio  
che l’parlar nostro, ch’ a tal vista cede,

e cede la memória a tanto oltraggio...”  
(vs. 52 – 57)

“O somma luce, che tanto ti levi  
da’ concetti mortali, a la mia mente  
ripresta um poco di quel che parevi,  
e fa la lingua mia tanto possente,  
ch’una favilla sol de la tua gloria  
possa lasciare a la futura gente;

porque mi vista, tornando-se mais clara,  
mais e mais penetrava pelo raio  
da alta luz que por si mesma é verdadeira.  
Daqui em diante, minha visão foi maior  
do que nossa fala, que perante tal visão  
cede.  
e cede a memória perante tanto ultraje...”

Oh luz suprema, que tanto te elevas  
dos conceitos mortais, à minha mente  
concede algo daquilo que mostravas,  
e torna minha língua tão poderosa,  
que uma faísca apenas de tua gloria  
possa deixar para as futuras gentes;

chè, per tornare alquanto a mia memoria  
e per sonare um poco in questi versi,  
più si conceperà di tua vitória.”  
(vs. 67- 75)

que, se tornasse um pouco a minha  
memória  
e ressonasse um pouco nestes versos  
mais se conceberá tua vitória.

Da segunda visão citamos apenas os versos 85 a 93:

“Nel suo profondo vidi che s’ interna,  
legato con amore in un volume,  
ciò che per l’universo si squaderna...”

Na sua profundidade vi que se interna,  
ligado com amor num volume  
o que pelo universo se desencaderna.

...  
“La forma universal di questo nodo  
credo ch’ i’ vidi, perchè più di largo,  
dicendo questo, mi sento ch’ i’ godo.”

A forma universal deste nó  
acho que vi, porque com maior amplitude  
Dizendo isto, sinto que gozo.

Na terceira visão, no intuito de mostrar a maravilha da Unidade e Trindade simultâneas de Deus, Dante extrai da sua fantasia novas imagens que correspondam ao que quer expressar; e ao mesmo tempo que mantém a coerência teológica do pensamento, extorque as possibilidades expressivas da linguagem através de aliterações e rimas internas que simbolizam seu estupor perante o mistério que contempla:

“Ne la profonda e chiara sussistenza  
de l’alto lume parvermi tre giri  
di tre colori e d’una contenenza;  
e l’un da l’altro como iri da iri  
parea reflexo, e l terzo pareo foco  
che quinci e quindi igualmente si spiri.

Na profunda e clara substância  
da alta luz apareceram-me três círculos  
de três cores e de uma dimensão;  
e um do outro, como íris de íris  
parecia reflexo, e o terceiro parecia fogo  
Que de um e do outro igualmente se  
espire.

Oh quanto è corto il dire e come fioco

Oh, quão insuficiente e fraco é o meu  
dizer

Al mio concetto! E questo, a quel ch’ i’ vidi,  
È tanto, che non basta a dicer “poco”  
‘pouco’

respeito ao meu conceito! E este, respeito  
ao que vi o é tanto, que não basta dizer

(vs. 115 – 123)

Na quarta visão, a fantasia de Dante achou ainda novo modo de representar o mistério da Encarnação, vislumbrando o que ele chama “nostra effige”, isto é, o rosto humano de Cristo, no seio da Trindade:

“dentro da sè, del suo colore stesso,  
mi parve pinta de la nostra effige;  
per che l mio viso in lei tutto era messo.”

dentro de si, da sua mesma cor,  
apareceu-me pintada nossa efígie;  
pelo que meu rosto estava fixo todo nele.

...  
“veder voleva come si convenne  
l’ imago al cerchio e como vi s’ indova;  
ma non eran da ciò le proprie penne.”

...  
queria ver como coincide  
a imagem com o círculo e como ali se  
insere;  
mas não davam para tanto minhas asas.

Os quatro últimos versos do Poema, ao mesmo tempo que reconhecem o fracasso da Poesia na sua tentativa de esgotar a representação do Mistério, mostram que uma outra meta ainda mais valiosa foi atingida: agora, os desejos e a vontade do poeta, do homem Dante Alighieri -e nele, de todos nós, se o acompanharmos na sua viagem- atingem o fim último da peregrinação: a harmonização de todas as potências humanas com o Amor divino. E esta conjunção é simbolizada pela imagem de uma roda que se move uniformemente em torno de um Centro que é, ao mesmo tempo, o centro da pessoa humana e o centro do Cosmos inteiro. A meta final da peregrinação foi atingida:

"A l'alta fantasia qui mancò possa;  
ma già volgeva il mio disio e 'l velle,  
sì come rota ch'igualmente è mossa,  
l'Amor che move il sole e l'altre stelle."

"À elevada fantasia faltaram-lhe aqui as forças;  
mas já dirigia meu desejo e minha vontade,  
como roda que uniformemente é movida,  
o Amor que move o sol e as outras estrelas."